

*“Os seus livros
foram escritos com
a alma...”*

Cruz Malpique

**A mais bela página
de Gregório Maraño**

O DIA DO CRIADOR

Prof. Dr. José Vicente Barbosa Corrêa *
Dr. Henrique de M. Barbosa Corrêa **

Gregório Maraño y Posadillo (1887-1960) foi, sem sombra de dúvida, o maior médico humanista do século XX. Erudito e fidalgo pela esmerada educação e cultura, desde sua tenra infância frequentou na biblioteca paterna, onde foi assíduo visitante, os clássicos gregos e latinos, a História de Roma de Mommsen, Shakespeare e inclusive o nosso consagrado Camões. Ainda menino em sua casa costumava assistir às tertúlias culturais que seu pai entretinha com ilustres convidados da envergadura in-

telectual do pensador Mendez y Pelayo e do historiador Ordós. Mais tarde, já adulto em Toledo, abalara-se até Baiona para ouvir, no claustro da Catedral, o insigne filósofo Miguel de Unamuno recitar versos de Goethe, Leopardi e Camões. As línguas cultas eram-lhe bastante familiares. Pôde praticar o alemão, o francês e o inglês assiduamente durante as muitas viagens realizadas ao exterior, como quando estagiou com Erlich na terra de Goethe, autor para ele tão íntimo, ou em 1918, quando comissionado pelo seu governo visitou a França para estudar a Pandemia Gripal, ou ainda no exílio em Paris (1937-1942) período no qual

exerceu a medicina na capital francesa.

Este sapientíssimo madrileno, sem qualquer desdouro, teria convivido entre os Medicis na Idade de Ouro da Renascença como se estivesse em sua própria casa! Consagrado professor de medicina foi o único sábio espanhol que em vida mereceu o privilégio de pertencer simultaneamente às cinco mais importantes e prestigiosas academias culturais de seu país, fato que evidencia por si só o grande apreço de que gozava junto dos seus concidadãos. Estes, ao aclamarem-no “Figura Nacional” consideraram-no também assim o notável e multifacetado expoente no cenário da

medicina, da história, da filosofia, psicologia e de outras mais províncias da cultura e do saber humanos. Marañon palmilhou estes terrenos sempre com tranqüila segurança de um profundo conhecedor. Como mestre, costumava afirmar que aquilo que realmente havia de significativo na expressão ser professor, "era o dever nunca cancelado de continuar aprendendo!"

No exercício profissional destacou-se nas searas da Clínica Médica, da Reumatologia, da Psicologia e da Endocrinologia, disciplina que estava ensaiando seu desenvolvimento e, da qual veio a ser professor titular. Em todas foi um expert, daqueles que nos dias atuais seria chamado "um pesquisador de ponta".

No ensaio "Medicina e o Nosso Tempo" referindo-se ao conceito saber e duvidar, dizia com

pleno convencimento que a "verdade científica cresce ao cabo do tempo, como espiga entre montões de plantas inúteis destinadas a perecer, e que se há de deixar que o tempo faça essa seleção entre o permanente e o fugaz".

Embora fosse psicólogo de reconhecido talento e biógrafo de elevado mérito, como deixou pa-

"Se uma biografia pretende penetrar até o fundo da vida psíquica do herói, não pode passar em silêncio – como quase sempre ocorre, por discrição ou dissimulação hipócrita – as características sexuais do biografado".

Freud

tenteado em diversas oportunidades, confessava entretanto ter se demorado por anos em publicar o notável "Ensaio biológico sobre Henrique IV de Castela e seu Tempo"; obcecado que se achava pelos severos escrúpulos de homem de fina sensibilidade e educação. Por esse motivo escreveu na ocasião: "Sempre me pareceu um tanto indelicado os estudos clínicos, tão em voga na atualidade acerca de personalidades que gozam há anos – ou séculos – da paz dos justos, porque de uma parte, o médico não tem o direito de eleger ele mesmo seus pacientes e nem o direito de supor, por um abuso da superioridade que nos dá nossa condição de

estarmos vivos, de poder submeter as nossas próprias explorações alguém que não estaria em condições de discernir e nem de confirmar sua confiança em nós". Então esmiuçou a fundo, sereno e com detalhe a nódoa, não toda fidedigna, mas repassada maldosamente através da história a respeito da atribuída homossexualidade do último rei da dinastia Trastámara. Rei, este que morto, deixava à sua irmã Isabel, a Católica, não só o poder, mas também a glória de usufruir os esplendores da Espanha unificada. O declive político sofrido por Henrique IV era a aurora radiante dos Reis Católicos. O sepulcro do odiado monarca somente veio a ser descoberto em 1946 num monastério de Guadalupe.

O arqueólogo Gómez Moreno e Gregório Marañon foram designados pela Real Academia de História membros de uma Comissão incumbida de reconhecer e identificar oficialmente o túmulo e os restos mortais do ilustre personagem. Foi verdadeiramente um trabalho de clínica arqueológica aquele procedido então pela Comissão, que pode confirmar, entre outras conclusões o criterioso diagnóstico já anteriormente firmado por Marañon de que Henrique fôra um esquizóide, um displásico eunucóide, com reação acromegálica. Neste ensaio biográfico que estamos acompanhando, o autor se sentiu ainda obrigado a se justificar escrevendo: "Quis somente, projetar a luz dos recentes progressos da fisiopatologia do caráter e dos instintos humanos, sobre o espírito e o corpo ainda identificado no fundo de suas tumbas, de um rei remoto e de alguns homens que o acompanharam em sua passagem pela vida," – declarando para concluir – "Nem Don Henrique foi tão impotente que mereça seguir ostentando ante a posteridade este sambenito, nem é justo – ainda – o opróbrio infame que pesa sobre a memória de Dona Juana, sua mulher".

Da mesma maneira e com a mesma e minuciosa elegância com que produziu as magníficas biografias: Amiel, História de uma Timidez; Tibério, História de um Ressentimento; História Clínica del Caballero Casanova e em Don Juan, entre tantos outros retratos psicológicos, Marañon ao delinear o "Henrique IV" afirmou na introdução desta obra de 1930, o mesmo que

com justiça lhe seria lícito expressar de todas as demais obras que veio a produzir – "O que escrevia", declarou "não era História de historiador", pois seu propósito tinha sido sempre, tomado emprestada a frase singela de Baltazar Gracián, fazer uma – "Gostosa História". Em todas aquelas deliciosas biografias alcançou seu intento com a mais apurada maestria. Pois seu viajar tranqüilo pela história não resultara nem em obra prosaica nem simplista. Muito ao contrário, acompanhou atualizado os conceitos em voga da bio-anthropologia clássica da escola de Kretschmer, as diretrizes da psicopatologia moderna como levou também em conta, embora com alguma ressalva, as idéias inovadoras de Freud, autor que tinha já afirmado: – "Se uma biografia pretende penetrar até o fundo da vida psíquica do herói, não pode passar em silêncio – como quase sempre ocorre, por discrição ou dissimulação hipócrita – as características sexuais do biografado". Neste campo as publicações do emérito médico espanhol foram científicas, profundas e fiéis!

Para o historiador prof. Laín Entralgo a produção intelectual, escrita e falada de Marañon foi como o jorrar empolgante de um rio caudaloso de livros, artigos, comunicações científicas, conferências, encontros e de um sem número de prólogos soberbamente judiciosos, que valorizavam mais as obras que apresentava.

Marañon estendeu também o seu já prestigiado conceito de sábio por todos os cantos do Novo Mundo, pelos países ibero-americanos realizou consagradas e inesquecíveis viagens. No Brasil esteve em 1937, 1939 e em 1956.

Seria injusto, por fim, termos repassado até aqui a vida e a obra deste preclaro mestre, de quem deixamos esboçadas estas considerações, se não incluíssemos algumas palavras também sobre a pessoa de Dona Dolores Moya, a jovem irmã de um colega dos bancos escolares de Marañon, que a veio conhecer com quatorze anos, de quem se apaixonou e com quem veio a se casar.

No exprimir de um biógrafo, D. Dolores – "Que para além de lhe dar numerosa prole, lhe propiciou também excepcional ambiente de paz e de inteligente carinho para que ele pudesse levar a cabo a sua obra excepcional de médico, de professor,



"EI primer amigo profundo del hombre fué, pues, sin duda, la mujer: la mujer antes de serlo; cuando era sólo hembra, escogida al azar, para satisfacer el hambre del instinto, a medida que éste urgía, Pero una mañana remota y memorable cuya fecha representa infinitamente más para el progreso humano que todos los descubrimientos de nuestros siglos, ocurrió este maravilloso suceso: al levantarse el hombre, bronco e hirsuto, de su lecho de hierbas, después de haber cumplido con la hembra que estaba a su alcance la ley del instinto; reposado por el sueño de esa tristeza que invade al animal después de amar, se sintió transido de una tristeza mayor. Que era el tener que abandonarla y volviéndose a ella, que aún dormía, brilló en sus ojos, desde el fondo de las cuencas redondas, por vez primera en la historia del mundo, una luz maravillosa, que era el amor; que sólo se enciende cuando el ímpetu del instinto se ha apagado, porque se ha satisfecho. El hombre, triste de una tristeza nueva, comprendió confusamente que aquel ser tan débil que dormía a su lado era el remedio a la soledad infinita, el remedio que no podían darle los otros hombres llenos de músculos y de audacia. Su frente chata no podía explicarse todavía por qué. Pero entonces la hembra dormida, mujer desde ese instante, despertó bajo el brillo de la nueva luz; y con esa comprensión súbita de las cosas geniales y transcendentales que sólo la mujer posee, se levantó en silencio; y como si hubiera hecho siempre la misma cosa, se fue con el compañero de la noche para no separarse más.

En este día, en verdad, fue cuando Dios creó la especie del hombre sobre el planeta".

de pensador e de escritor".

Este fecundo homem de letras com alma e índole tipicamente castelhana foi inspiradamente sucinto, no entanto, quando resumiu num único pensamento o carinhoso e apaixonado sentimento pela esposa chamando-a com afeto "companheira em minha vida de viagens e na viagem de minha vida".

Espírito de escol, Gregório Maraion, nas investigações históricas a que procedeu e na vasta lista de ensaios médicos e correlatos que elaborou produziu sempre profunda e verdadeira obra de arte. Intuitiva ou conscientemente esta inteligência ímpar, deve ter sentido em seu mais profundo íntimo e de maneira visceral a autenticidade das suas próprias palavras escritas ao prefaciá-lo livro "Patologia Postural", de Nóvoa Santos, em 1934, quando exclamou: "A obra de arte é como um salva-vidas para o nosso nome, no naufrágio do ouvido, do qual quiséramos, a todo o custo escapar!".

A maneira de um prólogo, modesto embora, desejamos concluir estas nossas pinceladas, deixando-as aqui como simples pano de fundo para a mais bela página de Gregório Maraion, página que consta do ensaio "Vida e História", sob o título "El Dia Criador".

Mas, para melhor podermos sentir todo o encanto e fascínio que este excerto evoca, há de ser ele lido na língua original, a fim de que não se percam nem a força e nem o vigor que lhes emprestou a inteligência primorosa do autor, nem a maviosa e elegante delicadeza que sua pena transmitiu.

"Nem Don Henrique foi tão impotente que mereça seguir ostentando ante a posteridade este sambenito, nem é justo - ainda - o opróbrio infame que pesa sobre a memória de Dona Juana, sua mulher".

Maraion

* Professor Titular de Medicina Legal da FMU e Ex-assistente doutor da IOT-HC

** Médico e Gerente de Planejamento e Desenvolvimento da UNIMED do Brasil

Dois apóstolos da h

BENTO MURE E T

Emeric Lévy

Foi Antônio Ferreira França, professor da Academia Médico-Cirúrgica da Bahia quem pela primeira vez se referiu, em 1818, a doutrina homeopática no Brasil, para combatê-la.

Contudo, devido às difíceis comunicações do País com a Europa, o interesse científico da classe médica pela doutrina de Hahnemann só se verifica em 1830, segundo informa Jayme Landmann ("As medicinas alternativas: mito, embuste ou ciência?", pág.90), tendo o suíço Frederico Emílio Jahn, radicado no Rio de Janeiro, apresentado tese na conclusão de seu curso médico, versando sobre a homeopatia no Brasil, logrando obter o grau de doutor, sem ter utilizado, em sua clínica, a matéria objeto desse estudo.

O certo, porém, é que a introdução da homeopatia no Brasil deveu-se a Benoit Jules Mure ou Bento Mure (em português), natural de Lyon (França), onde nasceu a 4 de maio de 1809, e faleceu no Cairo (Egito), no dia 4 de março de 1858.

Moço de família abonada, mas de compleição física frágil, o jovem Bento contraiu a tuberculose pulmonar, sendo levado à Sicília, na Itália, para alcançar alguma melhora, em face do clima da ilha, mas sem o almejado resultado, que motivou seu retorno a Lyon, onde passou a receber cuidados médicos do Conde Sebastião de Guidi, discípulo de Hahnemann, até alcançar razoável melhora, aos 24 anos de idade, em 1833.

Entusiasmado com o êxito do tratamento, resolve estudar medicina na Escola de Montpellier, onde obtém o título de médico, passando a clinicar em Malta (1834), por algum tempo, mediante aplicação da nova terapia, embora hostilizado pelos cole-

gas, exceto um deles, Fennech, que se tornou seu discípulo, até transferir-se para a Sicília, a fim de associar-se ao dr. De Biasi, no combate ao surto de cólera que grassava em Palermo, no final de 1837.

A fama de Mure espalhou-se pela cidade, com adesão de novos colaboradores, entre os quais se destacara Samuel Calandra no atendimento dos pacientes, constituídos em sua maior parte de operários pobres, tudo indicando que dessa experiência teria brotado em seu espírito o interesse pelas idéias de Charles Fourier (1772-1837), autor da "teoria dos quatro movimentos", por meio da qual esse autor, de formação socialista, gabava-se de haver desvendado "os segredos da criação divina e da natureza", de maneira a completar, assim, a obra de Copérnico e de Newton, no que tangue ao "conhecimento material".

UMA EXPERIÊNCIA UTÓPICA

Em Paris, para onde retornou em meados de 1839, Bento Mure aproxima-se de Hahnemann, incumbindo-se da propaganda de sua doutrina, como membro do Instituto Homeopático da França, fundado em dezembro daquele ano, mas, devido a recidiva da tuberculose, motivada por esgotamento físico, resolve afastar-se da Europa, em busca de novos ares, escolhendo o Brasil para esse fim, em cuja capital – Rio de Janeiro – desembarca em novembro de 1840.

Inflamado pelas idéias de Fourier, o primeiro objetivo de Mure será o de implantar uma colônia socialista, devidamente autorizado pelo Governo Imperial, num local propício para tal empreendimento na península de Sahy, em Santa Catarina, na divisa do Paraná.

O projeto, manifestamente amadorístico, não tinha condições de prosperar, em plena floresta inculta, e mui-

to cedo fracassou, espalhando-se os membros desse utópica comunidade formada por um expressivo grupo de cidadãos franceses até extinguir-se, tal como iria ocorrer, aliás, com os anarquistas da famigerada "Colônia Cecília", fundada nos últimos dias do Império, no Paraná, por um italiano, Giovanni Rossi, que o jornalista Afonso Schmidt romanceou apoiado em documentos coevos, cuja 3ª edição recebeu caprichado prefácio do acadêmico Hernâni Donato.

De volta ao Rio, Bento Mure desenvolve intensa atividade profissional, fazendo novos prosélitos, além de fundar uma Escola Homeopática, a fim de ministrar cursos regulares a brasileiros, segundo os preceitos de Hahnemann, ao lado de João Vicente Martins, seu principal colaborador a partir de 1843, que sofreu, juntamente com o diretor do referido estabelecimento de ensino, severa campanha movida pelos médicos alopatas e por homeopatas dissidentes, inclusive imputações de natureza criminosas, que o levou a naturalizar-se brasileiro, de maneira a evitar sua expulsão do país, por ter nascido em Portugal e ser diplomado cirurgião pela Escola Real de Cirurgia de Lisboa.

Cansado de lutar contra tantos desastros e infortúnios, Mure resolve retornar a Paris, bastante doente, onde recomeça sua atividade médica, ali publicando o livro "Patogenesia Brasileira e Doutrina da Escola Homeopática do Rio de Janeiro", em 1849, que mereceu recente reedição em português, pela editora Roca, com breve notícia de seu autor e sua obra, a cargo de Ch. Janot.

Mure ainda tentou fundar uma colônia falansteriana no Sudão, como havia feito no Brasil, deixando a França em fins de 1851, após vender seu consultório médico a outro colega

Homeopatia no Brasil

THOMAZ COCHRANE

homeopata, por 5000 francos, mas retornou ao Cairo, no Egito, dois anos depois, na companhia de Sophie Liet, sempre preocupado com sua saúde precária, onde a morte iria alcançá-lo em 1859, aos 49 anos de idade.

UM CONFRONTO CALUNIOSO

Com o afastamento de Mure, a propaganda da doutrina de Hahnemann, no Brasil ficou a cargo de João Vicente Martins, mais conhecido, na época, como o "cirurgião português", que encontrou, na pessoa do médico e historiador Melo Moraes (pai) um discípulo tenaz e aguerrido polemista, recaído sobre o primeiro o peso da campanha difamatória movida contra os homeopatas, sendo obrigado a servir-se da imprensa para refutar as críticas de seus adversários, inclusive a de haver causado a morte de uma paciente, por envenenamento.

Trata-se de uma famosa polêmica, nascida de um lamentável episódio, envolvendo o médico Thomaz Cochrane, sogro de José de Alencar, que teria perdido uma paciente sob a alegação de que ministrara medicamento venenoso para ela, de natureza homeopática. O debate, travado através das páginas do *Jornal do Comércio*, foi reunido num livro produzido por Martins, em 1847, sob o título "Gabriela Envenenada" ou "A Providência", em que o referido émulo de Bento Mure procurou mostrar a inconsistência das acusações formuladas contra o referido colega, de ascendência escocesa, em face do inquérito instaurado a respeito do óbito, ao qual o médico chamou de "Calúnia Alopática" ou "Os Envenenamentos Imaginários", com tiragem, para aquela única edição, de oito mil exemplares!

Alguns biógrafos de Alencar, mal avisados, afirmam que o autor de Iracema impetrou um "habeas corpus" perante o Supremo Tribunal de Jus-

tiça para livrar o sogro de prisão iminente, em razão do referido fato, mas é bem de ver que o motivo da coação, invocada pelo ilustre impetrante do remédio heróico, está relacionado com o envolvimento de Thomaz Cochrane num homicídio ocorrido em 1835, nas imediações de Guaratinguetá, quando ele, e seus camaradas, inspecionavam o local destinado ao leito da futura estrada de ferro ligando a capital do Império à Província de São Paulo.

Nada teve a ver esse episódio com a morte da menina Gabriela Narcisa Mendes de Araújo, cujo óbito deveu-se à profunda anemia da paciente, portadora de grave verminose, segundo reconheceu o próprio médico, aliás alopata, dr. Bompani, responsável pela autópsia do cadáver.

Impossível, portanto, relacionar a impetração do célebre habeas corpus com a morte da menina Gabriela, como equivocadamente supôs Raimundo de Menezes, apoiado na hipótese de erro médico, imputado a Thomaz Cochrane, o qual, livre da ameaça de prisão, pôde dedicar-se à sua clínica homeopática no Rio de Janeiro, bem como à sua "botica" localizada na Rua da Quitanda e à "Casa de Saúde Homeopática", situada no Morro do Castelo, onde ele instituiu e manteve o "Socorro para os pretos", como testemunho de seu espírito humanitário, segundo frisou Aroldo de Azevedo, num alentado estudo sobre "Os Cochranes do Brasil" (Coleção "Brasília", vol. 326).

ARMISTÍCIO OU COEXISTÊNCIA PACÍFICA

Jayme Landmann, inicialmente citado, mostra-se severo na crítica à eficácia da medicação homeopática para o tratamento das moléstias crônicas, aduzindo que essa prática reflete a

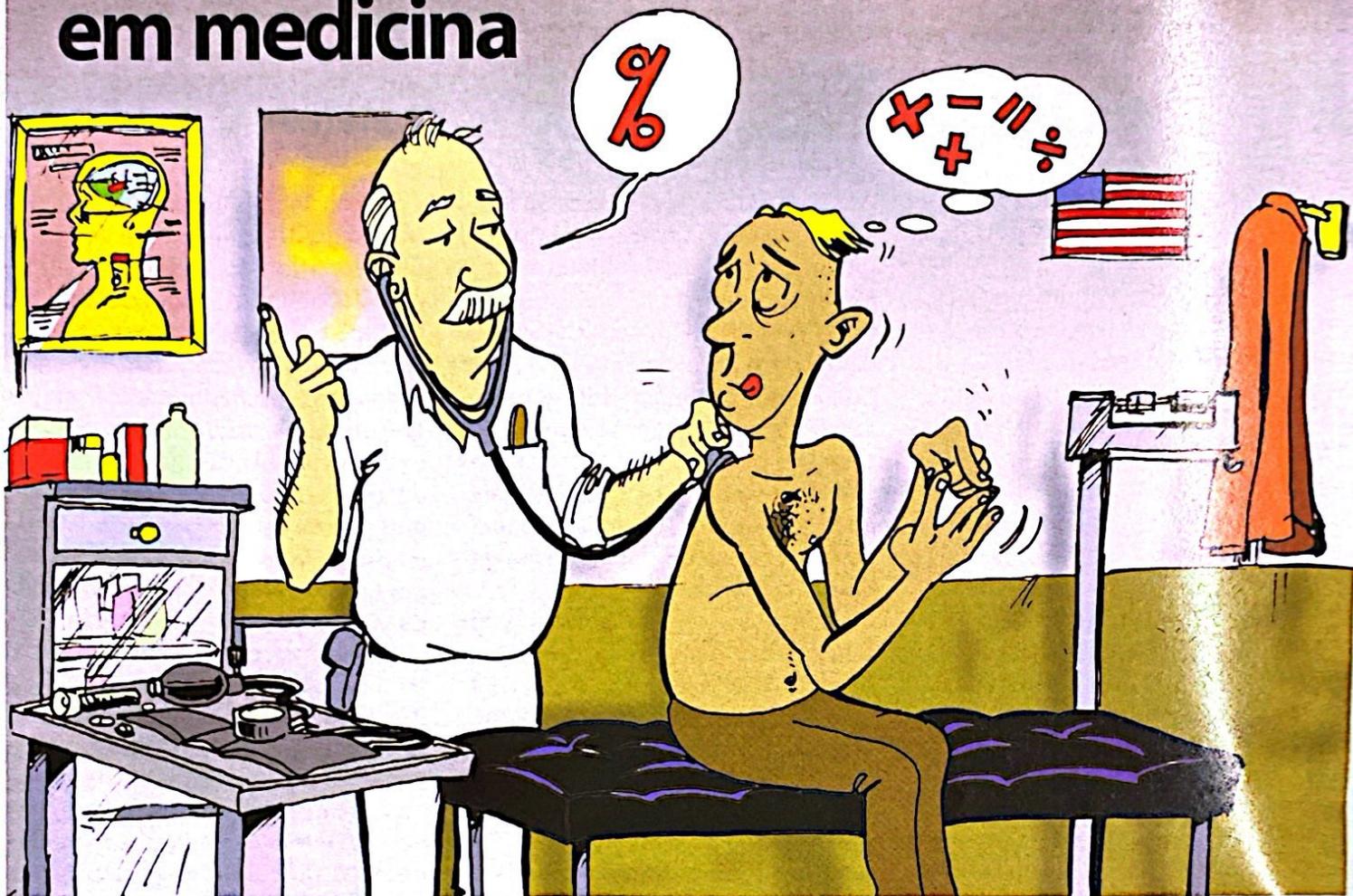
obsessão moralista, metafísica e mística da doutrina de Hahnemann, não discrepando dessa avaliação, a opinião do médico e historiador Lycurgo de Castro Santos Filho, embora mais comedido em seus juízos de valor, acerca dos resultados dessa terapia, que ainda persiste, em seus princípios, como terapia alternativa, lembrando que são facultativas as cadeiras que dela se ocupam na Faculdade de Medicina fundada no Rio de Janeiro por Licínio Cardoso (cf. "História Geral da Medicina Brasileira", vol. 2, pág. 402).

Atualmente, o ensino da homeopatia, nas Faculdades de Medicina do País não é compulsório, embora se trate de especialidade reconhecida no Conselho Federal de Medicina, desde 1988, sendo obrigatória, todavia, nos cursos de farmácia, a despeito das notórias dificuldades para o provimento da cadeira.

Aos esforços de Licínio Cardoso, arripados por Felix Pacheco, deve-se a fundação do Hospital Hahnemaniano do Brasil, instalado num terreno da rua Frei Caneca que o Governo Federal cedeu ao Instituto Hanimaniano do Brasil, pelo Decreto nº 11.473, de 3 de março de 1915, cuja inauguração verificou-se no dia 11 de maio de 1916, em boa hora lembrado por José Emygdio Rodrigues Galhardo, onde aquele nosocômio passou a prestar extraordinários serviços aos indigentes da capital da República, em número bastante elevado, no respectivo dispensário, além de muitas centenas deles recolhidos anualmente às suas enfermarias (cf. "Iniciação Homeopática", 1936, pág. 161).

Emeric Lévy – é Desembargador – Coordenador do Museu do Tribunal de Justiça de São Paulo – Professor de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie e membro da Academia Paulista de História

Linguagem da matemática em medicina



Prof. Dr. Irany Novah Moraes

Os procedimentos médicos são frequentemente avaliados, quanto a seus resultados, considerando-os como o suporte da estatística. Os grandes números falam por si só e nem se quer precisam ser filtrados pelos artifícios que dão a segurança de estarmos falando a verdade dentro da ampla faixa de 5% a mais ou a menos, admitidos em ciências naturais. Tal artefato utilizado para conhecermos a verdade do que foi estudado, certa época era tão exuberante que muitas teses deveriam ser defendidas na área de Ciências Exatas pois a medicina, no caso, parecia adjetiva diante de tantas explicações e fórmulas matemáticas. Não estou desmerecendo, e jamais o faria, a importância da estatística pois sou daqueles que acha e sempre achei que se ensina medicina de maneira equivocada. O curso ministrado atualmente nada tem a ver com o que o aluno de hoje, médico que vai

exercer a profissão no ano 2.010 vai deparar na clínica. Deveria estar aprendendo e exercitando quase que apenas a raciocinar pois, ao sair da Faculdade de Medicina e depois do terceiro ou quarto ano de Residência Médica, deverá estar apto a "raciocinar com o desconhecido" e nada melhor para desenvolver o raciocínio do que a matemática. Este é o alfabeto que Deus usou para escrever o Universo. [Galileo Galilei (1564-1642)].

Feito esse preâmbulo quero alertar o jovem médico quanto ao perigo de usar a estatística ao falar com o paciente. Não se pode transmitir ao doente com a certeza de seu adequado entendimento o prognóstico com dados de probabilidade. Essa maneira do médico se comunicar com o paciente não é adequadamente decodificada por ele. Por mais confiança que tenha e por melhor que seja a relação médico-paciente de início ele "inverte o sinal" e passa a raciocinar com a diferença correspondente ao mau resultado ou seja

com a probabilidade de malogro do procedimento proposto enquanto o médico está pensando no êxito.

Certa ocasião um de meus pacientes procurou-me pelo fato de no período que acompanhou sua esposa para tratamento num hospital americano "aproveitou" a oportunidade e fez uma consulta. O médico propôs-lhe uma operação e ato contínuo explicou-lhe que praticamente não correria risco pois a mortalidade daquele procedimento era de apenas um por mil. Agradeceu, pagou e assim que chegou ao Brasil procurou-me para operar. Indaguei porque não o fizera lá. A resposta pronta foi: "o médico disse que apenas um em cada mil pacientes morre da operação e não me disse se ele já havia feito 999 e que então seria minha vez. Para mim seria cem por cento. Eu não morreria só um milésimo!"

Prof. Dr. Irany Novah Moraes, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e presidente da Academia de Medicina de São Paulo (1983-1985).

Evolução do Estresse

Marisa Campos Moraes Amato

Já ultrapassamos o ano 2000. Muitas previsões boas ou más foram feitas para essa data, algumas deram certo, outras ultrapassaram as expectativas, entretanto, todo anseio da alma humana está na esperança da felicidade que na verdade encontra seu encanto no desconhecido. Vale lembrar o poeta paulista Vicente de Carvalho; a felicidade está onde a pomos e nunca a pomos onde estamos. Desbravar o futuro, vencendo os desafios e, assim, evoluindo.

A evolução nos últimos tempos tem tido progressão com aceleração geométrica. Muitos não têm oportunidade sequer de tomar ciência dessa constante evolução em que vivemos. Outros, entretanto, privilegiados ou não, dependendo do ponto de vista, quanto mais aumentam seu conhecimento, mais se tornam cientes do tamanho de sua ignorância.

Assim, o comportamento do homem vai mudando, na tentativa de adaptar-se às novas situações. Nos primórdios, todos eram praticamente iguais, pois nasciam com características diferentes, mas com anseios semelhantes, a luta pela sobrevivência, no sentido selvagem da palavra.

Charles Darwin em 1872 já havia observado que quando a mente encontra-se excitada ela afeta diretamente o coração e que sob este o homem não tem controle.

A reação de alerta, foi encontrada pela primeira vez por Cannon em 1929 que a descrevia uma reação de emergência com ativação rápida e eficiência imediata. O homem sob um estímulo fugia ou lutava, extravasando assim, a energia produzida em decorrência do estímulo provocado.

Hoje, os anseios básicos continuam os mesmos – a sobrevivência, só que para se obter êxito, deve-se resolver situações cada vez mais complexas além de que, o homem civilizado não pode demonstrar claramente seus sentimentos de raiva, ódio, medo, paixão, tudo deve ser mascarado pelas regras que a sociedade impõe e, assim, toda energia gerada numa reação de alerta, deve ser contida, isso é educação. O ambiente social de hoje agride

constantemente o homem e, para vencer, seu comportamento deve ser corrigido, ele não pode reagir selvagemmente. Esse estímulo permanente é chamado de estresse, ao qual, todos estamos expostos. Existe uma certa confusão conceitual desse termo, que também é usado como a maneira pela qual o organismo reage a esses estímulos. Alguns se adaptam mais facilmente, administram melhor seus problemas e superam as situações estressantes. Entretanto, a grande maioria sofre em menor ou maior escala do mal desencadeado por esse grande vilão da sociedade moderna - o estresse.

A herança genética, a experiência prévia, a personalidade e as características emocionais são fundamentais na resposta ao estresse.

Os pacientes se não estiverem somatizando sua doença, ela própria também estará causando estresse, ainda mais considerando os atuais problemas de saúde.

Para tratar de uma dor de cabeça é bem possível que o doente agende umas cinco consultas com especialistas diferentes e também é provável que, depois de tudo, ele ainda continue com mais dor de cabeça. Tal situação exige do médico de hoje e de amanhã que considere com seu paciente as causas estressantes que ele prova-

velmente deve estar vivendo para administrá-las melhor, pois a identificação e conscientização dos problemas ajudam, de certa maneira, a amenizar as reações ao estresse. Várias orientações podem ser dadas nesse sentido, entretanto o incremento da atividade física, na maioria das vezes, talvez seja a mais adequada e eficiente uma que hoje o homem já não tem mais uma vida natural ao ar livre.

Diversos estudos mostram que a hipertensão como reflexo do estresse é doença rara ou praticamente inexistente em sociedade que mantém um estilo de vida tradicional. Ela apareceu quando o padrão de vida ocidental passou a ser adotado. É um fenômeno atribuído à vida moderna que exige dos indivíduos uma crescente sobrecarga adaptativa com repercussões emocionais e orgânicas visíveis.

Para que o médico, hoje em dia, possa tratar adequadamente de seus pacientes ele deve, em primeiro lugar, cuidar de si próprio, identificar e administrar seu próprio estresse. Só assim terá condições de dar o melhor de si para seus pacientes.

*Marisa Campos Moraes Amato
Livre Docente de Cardiologia da
Faculdade de Medicina da Universidade
de São Paulo. Presidente da Academia de
Medicina de São Paulo (1997-1998)*

O Saber

Juarez Moraes Avelar

Pouco valeria saber se não pudesse transmitir;
Pouco valeria transmitir se não pudesse contribuir
Pouco valeria contribuir se não pudesse partilhar;
Pouco valeria partilhar se não pudesse somar;

Pouco valeria somar se não pudesse multiplicar;
Pouco valeria multiplicar se não pudesse dividir;
Pouco valeria dividir se não pudesse diminuir
A dor, o sofrimento, a ansiedade, a espera, a angústia

Aí, sim, valeria a pena!
Saber, Sabendo Saborear o Sabor pelo Saber.

LIVROS – LANÇAMENTOS

Ética Ambiental, ed. Millennium

José Renato Nalini; ilustre Juiz de Direito do Tribunal de Alçada Criminal de São Paulo, acaba de lançar o livro *Ética Ambiental*, ed. Millennium.

Nalini é professor de Direito em várias faculdades e participou e participa ativamente da formação de juízes paulistas e brasileiros, na Escola Paulista de Magistratura, Escola Nacional de Magistratura no Brasil, e com suas várias obras publicadas sobre a judicatura e os magistrados, verdadeiros clássicos que servem de guia para o exercício da nobre profissão.

Agora Nalini, em sua nova obra, voltada para o meio ambiente, mostra-nos que a Terra está emitindo sinais e sintomas de esgotamento, considerando

o efeito estufa, a poluição das águas, a extinção das espécies, o parcelamento irracional do solo. As reflexões contidas no trabalho conscientizam as pessoas de que é bem possível reverter a tendência destruidora, sem atos heróicos ou mergulhos em cruzadas utópicas, mas tão somente com o agir consciente, atuando positivamente no próprio habitat, por meio de gestos aparentemente banais, a proteger intuitivamente a natureza.

Assim, é preciso disseminar e cultivar a ética ambiental, e o livro de Nalini, *Ética Ambiental*, é leitura indispensável para a formação das nossas consciências de cidadão respeitadores do próximo e da natureza.

Memória Fotográfica de Mogi das Cruzes

Acaba de ser lançada a maravilhosa obra póstuma de autoria de Isaac Grinberg, *Memória Fotográfica de Mogi das Cruzes*. O livro é um primor, trabalho da editora Ex Libris. São quase trezentas páginas, formato 30 x 25, em papel de ótima qualidade, e conteúdo maravilhoso, composto por fotos históricas de Mogi das Cruzes, que faziam parte do acervo do saudoso autor, acompanhadas de textos explicativos. Isaac Grinberg era jornalista e foi pró-reitor da Universidade Mogi das Cruzes, muito dedicado à ciência e à cultura, era membro da Academia Paulista de História, em cujo sodalício ocupou a cadeira n.º 30.

Mar bravio

José Rodrigues Louzã

Quando o sol se põe, ao anoitecer,
ouve-se melhor o ruído do mar.
Ele sente, ao longe, a lua a nascer
e se inflama apaixonado a cantar.

Seu cantar é muito triste e monótono,
seus beijos não alcançaram a sua amada,
e suas lágrimas rolam no abandono,
correndo aflitas... terminam em nada.

Eis que o céu, bruscamente se enevoa,
e a lua, aproveita-se dos enredos,
para esconder-se da sua companhia.

O mar, inconformado, a amaldiçoa,
e salta violento contra os rochedos,
procurando alcançar sua fantasia!

DEPARTAMENTO CULTURAL**Diretor:**

Guido Arturo Palomba

Diretor Adjunto:

Sérgio Pereira da Cunha

Conselho Cultural:

Duílio Crispim Farina (presidente)
Carlos Alberto Salvatore
Antônio Valdemar Tosi
Marisa Campos M. Amato
João Marques Teixeira

Cinemateca:

Wilmer Botura Júnior

Pinacoteca:

Aldir Mendes de Souza

Museu da História da Medicina:

Jorge Michalany